



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MIRIAM WAPLER

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias
Número da entrevista: E-95
Entrevistado: Miriam Wapler
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Luanda Dutra e Camile Romero
Data da entrevista: 09/03/2005
Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros
Conferência Fidelidade: Ana Maurmann
Copidesque: Johanna Coelho Von Mühlen
Pesquisa: Camile Romero
Fitas: (01 fita) 95/01-A
Total de gravação: 30 minutos
Páginas Digitadas: 13
Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel
Número de registro: 01950/2008/01
Número de registro da fita: 01950/2008/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

WAPLER, Miriam. *Miriam Wapler (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início do envolvimento com a ESEF; perfil dos colegas; envolvimento com o tênis, outros esportes; utilização de outros espaços para os esportes da Escola; divisão de turmas por sexo; participação em clubes; competições de banda e madrinhas dos colégios; perfil dos professores da ESEF; aulas teóricas e práticas; testes práticos; formação cívica na Escola: uniformes, desfiles; relação aluno-professor; fatos pitorescos; relato sobre a passagem pela Escola.

Porto Alegre, 09 de março de 2005. Entrevista com Miriam Wapler, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Bom, gostaria que tu iniciasses contando como começou o teu envolvimento com a ESEF¹. Como que tu buscaste fazer educação física? Como surgiu esse interesse?

M.W. - É porque eu era atleta da Sogipa², voleibolista, jogava vôlei e tênis lá e queria fazer mais algum curso para completar a minha educação. Como eu gostava muito de esporte, fiquei sabendo que tinha a ESEF, que poderia me inscrever, fazer um vestibularzinho e ver se eu passava. Como eu passei, entrei lá e adorei.

K.D. - A tua família te deu apoio?

M.W. - Completo apoio, acharam maravilhoso! Acharam que era justamente isso que eu queria e tudo bem.

K.D. - O curso que tu fizeste foi de Técnica Esportiva...

M.W. - Sim!

K.D. - O que diferenciava ele dos outros cursos?

M.W. - O outro curso da ESEF realmente era mais ligado a dar educação física nos colégios para crianças. Esse era um curso mais rápido, mais reduzido talvez, não é? Era mais para formar técnicos para clubes, associações, hotéis... Não era especificamente para crianças. Não tinha nada assim: como é que tu vais dar uma aula de educação física para criança pequena, não tinha nada disso. Só tinha mais para clubes, essa coisa assim... Que não tinha naquele tempo. Tinham poucos, mas era muito pouco para a cidade. É isso aí.

¹ Escola de Educação Física

² Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

K.D. - Te recordas como eram os teus colegas?

M.W. - Olha, os meus colegas homens, todos eles eram da Brigada Militar. Assim “avulsos”, talvez se tivesse três ou quatro era muito, o resto tudo era mulher, tudo era mulher! E algumas eram que nem eu, que praticavam esporte em Porto Alegre³. Até tinha umas conhecidas minhas do atletismo da Sogipa. Mas a grande maioria eram moças de fora. Também não sei por que, que resolveram vir, ficaram sabendo deste curso, então vieram a Porto Alegre para fazer este curso.

K.D. - E é estranho esse fato de ter muito mais mulheres do que homens...

M.W. - É estranho realmente. É que os homens, eles eram atletas, mas eles não eram técnicos, eles não eram professores, eles eram... Simplesmente faziam esporte por prazer, não estavam pensando ainda em ganhar dinheiro, isso sem falar nos técnicos de futebol, não é? Mas nos outros esportes era muito pouco, era muito pouco! O que tinha mesmo era nos clubes e essas pessoas ganhavam tão pouco que elas não tinham tempo para fazer uma universidade... E as mulheres como sempre tinham mais tempo. Então acho que era por isso.

K.D. - Mas naquele período não eram muitas as mulheres que praticavam esportes?

M.W. - Não, eram bastante. Eu devo confessar que no meu tempo que eu estudava no Bom Conselho⁴, até as freiras eram loucas por esporte. Elas ficavam fanáticas! Eu fazia parte de um time de vôlei no Bom Conselho que para as irmãs era uma glória, elas adoravam. O professor Black⁵ era nosso instrutor, a Madre Benícia⁶... Para ela ele era um herói. Eu não sei por que... As mulheres queriam aparecer, queriam sair do casulo e não tinham como. Então aquele voleibol fez bem para elas, aquilo foi uma maravilha. É isso aí.

K.D. - E depois disso tu trabalhaste?

³ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁴ Colégio Bom Conselho, fundado em 21 de junho de 1905

⁵ Karl Black

⁶ Nome sujeito a confirmação

M.W. - Eu só trabalhei um ano, porque em seguida eu casei. Naquele tempo mulher casada ficava em casa. Tive quatro filhos e aí também não deu mais para trabalhar. Mas eu usei toda a minha experiência para os meus filhos e por isso que eles tiveram sucesso no esporte. Meus quatro filhos foram campeões Brasileiros e Sul-Americanos de tênis porque eles tiveram muito, muito incentivo em casa. Tanto o meu marido como eu gostávamos de esporte e sempre praticamos e levávamos as crianças pequenas, por exemplo, para jogar tênis, levava a criança pequena para juntar bolinha. A primeira coisa que a criança tem que aprender é ter intimidade com aquela bolinha e depois ela então começa a bater com a raquete, tudo isso. Mas ela primeiro tem que te alcançar direitinho a bola, entendeu? A criança bem pequena. E os meus todos começaram assim.

K.D. - Tu tiveste tênis na ESEF?

M.W. - Sim, tênis. Especialização de tênis. Que realmente a minha professora de tênis estava grávida e como o curso era só um ano, eu nunca joguei com ela e ela nunca fez uma demonstração como se jogava. Ela catava no clube, que era lá no Gaúcho⁷, ela catava jogadores que estivessem ali batendo bola, ou batendo parede, pedia para eles jogarem com as alunas. E ela então ia corrigindo, tudo bem! É isso aí!

K.D. - Tu falaste o tênis era no Gaúcho. Na ESEF ele funcionava...

M.W. - Era lá no Cruzeiro do Sul⁸. Que lá tinha o atletismo, porque tinha o campo de futebol. Então tinha o atletismo, os arremessos, essas coisas tudo. Tinha uma quadra de basquete, o basquete era lá. Tinha uma quadra de vôlei, o vôlei era lá. Tinha aparelhos de ginástica e as aulas de dança, isso era tudo lá. Muito precariamente, mas era ao menos no mesmo lugar, não precisava se locomover para outro lugar. Agora tênis e natação a gente tinha que ir lá para o Gaúcho. Que, aliás, ficava no mesmo bairro, ao menos no mesmo bairro.

K.D.- E as aulas práticas de vocês eram feitas com os meninos junto com as meninas?

⁷ Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

⁸ Esporte Clube Cruzeiro do Sul, fundado em 1913.

M.W. - Não, tudo separado! Tudo separado! Nunca foi mista. Os homens num lado e as mulheres no outro. Naquele tempo era assim.

K.D. - Mesmo eles sendo poucos?

M.W. - Sim! Mas eles tinham que chega para eles. E também para nós tinha um bando de mulheres. Tudo Bem! A gente... Naquele tempo não tinha nada misto, era tudo separado.

K.D. - E vocês tinham as mesmas disciplinas que eles?

M.W. - Sim, era tudo igual. Depois na hora de fazer a avaliação... Ah bom, as aulas teóricas eram juntas, lógico! As aulas teóricas eram tudo junto, que tem todas aquelas matérias ali. Mas as esportivas eram separadas, naquele tempo era homem com homem e mulher com mulher.

K.D. - Mas no caso, as mulheres não tinham lutas, futebol, essas coisas?

M.W. - Não tinham nada disso!

K.D.- Eles tinham?

M.W. - Eles tinham, mulher não!

K.D. - E como é que era essa diferenciação dos esportes para homens e para as mulheres? Na faculdade se discutia isso? Os professores falavam em sala de aula?

M.W. - Nem se falava nisso! Isso era uma realidade tão comum, que... Lógico, homem e mulher não têm nada junto. Agora, quando os homens tinham uma competição, as mulheres iam lá torcer para eles. Quando as mulheres tinham uma competição, os homens iam lá torcer para elas. Mas em qualquer clube que nós fôssemos para fazer uma competição, nós perdíamos tudo. Porque os do clube já estavam entrosados. Como nós tínhamos muita menina do interior, que mal e mal aprendeu as coisas, era meio difícil a gente ganhar alguma coisa, era bem difícil. O nível não era assim... Como que nem eu, que

tinha uma experiência esportiva, na minha turma talvez tivesse umas cinco meninas que tinham experiência esportiva, as outras não, eram completamente cruas. Começaram assim bem do comecinho. Mas tinham algumas com bastante talento, com bastante talento!

K.D. - No caso a capital se destacava?

M.W. - É, lógico! Apareceram os talentos, não foram muitos, mas apareceram!

K.D. - E, nessa época, vários eventos eram vinculados à educação física... Tu nos falaste de competições... Tinham os desfiles também?

M.W. - Ah, muito pouco! Eu não me recordo, acho que era muito, muito pouco. Por exemplo, eu era jogadora de vôlei da Sogipa, eu tinha a minha competição do meu clube, fora da aula eu não tinha nada que ver com a ESEF, a ESEF era só aula. Não tinha competições, nada disso. Eu não me lembro de uma vez nós termos ajudado um colégio, fazer alguma coisa. Não me lembro de nada disso, não me lembro! Não fizemos nenhuma excursão! Não havia nada disso! A parte social era muito fraca, ela quase nem existia!

K.D. - Tu foste a madrinha do time de basquete...

M.W. - É eu fui madrinha do time de basquete dos rapazes do basquete.

K.D. - Era comum os times terem madrinha?

M.W. - Sim! Antigamente tudo que era time tinha madrinha! Lá também tinha! Me escolheram. Aí eu tive que fazer uma festa para eles. Eu fiz lá no meu clube, na Sogipa. Foi assim uma coisa fantástica. [riso] Bem animado!

K.D. - Como é que era essa história de escolher uma madrinha? Os clubes também tinham isso? Eu não sei muito sobre isso.

M.W. - Não existe mais isso, não é? Engraçado, os times todos tinham madrinha. As bandas tinham madrinha... Porque antigamente tinha bandas. A banda do Rosário⁹, a banda do Parobé¹⁰, a banda do Anchieta¹¹, do Farroupilha¹²... A do Farroupilha nem sei como é que era. Então, eles tinham uma madrinha. A fulana é a tal da madrinha da banda. Ela tinha que dar uma festa para os afilhados. Era uma vida social da gente jovem. Era bonito! E também havia... Eu não sei, acho que não havia eleição propriamente dita. Eles escolhiam a que eles queriam que fosse. Então se ela aceitava, tudo ótimo, se ela não aceita, então...

K.D. - E como é que eram os teus professores da Escola de Educação Física?

M.W. - Eles, todos eles eram magníficos! Eram todas pessoas do esporte, já eram famosos. Só teve este problema, que a professora estava grávida e ela nunca jogou comigo, porque estava grávida. E a professora de natação, nunca nadou para a gente ver o que é nadar. Tinha só estes problemas, mas os outros eram uma maravilha. A professora Olga¹³ jogava um voleibol maravilhoso! Ela cortava muito bem, ela dava um saque perfeito. O professor Pandolfo¹⁴, esse era o Coronel Pandolfo, era campeão de esgrima aqui do exército e nas competições fora. E a professora Lisarde¹⁵ no atletismo, ela era uma campeoníssima de atletismo, ela era muito boa. E, assim por diante, todos eram pessoas... Por exemplo, a professora de dança, ela era a maior bailarina de Porto Alegre. Era bailarina clássica e eles convidaram ela para ser professora lá. Ela não nos deu *ballet* clássico, ela nos deu dança rítmica, que nós como professores tínhamos que fazer a coreografia para depois dar para os alunos. Aquilo era muito difícil, não é? Isso que ela nos ensinou e a gente dançava também lá, fazia com arcos, com bolas, sei lá, com um monte de coisas. Era assim tudo... Vou te dizer uma coisa, era tudo uma coisa mais clássica, não eram coisas modernas, eram coisas de origem européia eu acho. Porque não tinha ainda aquele jeitão brasileiro, o jeitinho brasileiro e etc. Isso ainda não existia. O que havia aqui era tudo uma cópia da Europa.

K.D. - E como era a rotina de aulas?

⁹ Colégio Marista Rosário, fundado em 1904

¹⁰ Escola Estadual Técnica Parobé

¹¹ Colégio Anchieta, fundado em 13 de janeiro de 1980

¹² Colégio Farroupilha, fundado em 1886

¹³ Olga Valéria Kroeff Echart

¹⁴ Carlos Pandolfo

¹⁵ Lisarb Vasconcelos

M.W. - A rotina de aula era muito dura. Era longe para nós, nós tínhamos que levantar de madrugada para chegar na hora lá no Cruzeiro, porque a condução era muito difícil. A gente não tinha carro, então tinha que ir de ônibus e os ônibus eram poucos e aquilo era meio duro. Era até o meio dia, era das oito ao meio dia.

K.D. - Tinha aulas práticas, teóricas?

M.W. - Primeiro começava com aulas teóricas e depois tinha as práticas. Agora não me lembro bem se era isso, mas acho que era isso aí. Eu só sei dizer que todo mundo saía voando para a aula prática, de tão felizes que ficavam quando tinha aula prática. A outra era muito chata: anatomia, essas coisas, tudo era muito chato, a gente não gostava.

K.D. - E as avaliações das aulas práticas eram como?

M.W. - Eram duras, duríssimas! Eles eram muito, muito carrascos como se diz. A gente tinha que cuidar.

K.D. - Mas eram provas práticas?

M.W. - Pode imaginar uma menina do interior, ter que fazer... Tu sabes o que é oitenta metros com barreiras, tu sabes o que é uma barreira? Tu tens que acertar o passo ali. Era muito difícil para elas, sofriam horrores. Mas tinha que ter, porque é uma modalidade do atletismo. Elas eram muito boas em corrida, porque corrida é uma coisa natural. Mas aí já entra uma técnica diferente, já não é mais tão difícil. E saltos, por exemplo, salto em distância, elas também eram boas, porque era uma coisa mais natural. Mas aí já como... Por exemplo, essa prova que eu me lembro, que era de barreiras, era bem difícil, a gente fazia tudo.

K.D. - Mas a tua turma, a maioria eram meninas do interior, ou meio a meio?

M.W. - Meio a meio, meio a meio!

K.D. - Mas e as outras meninas que eram de Porto Alegre, tinham vivência no esporte?

M.W. - Tinham, tinham. Eram até atletas da Sogipa. Eu só me lembro da Ruth Aeckler¹⁶, as outras eu não lembro dos nomes. A minha memória não me ajuda. [palavra inaudível], ela era atleta da Sogipa, ela era muito boa.

K.D. - E essas avaliações... Vocês também fizeram para entrar algum teste prático?

M.W. - Sim, sim! Teve um vestibular. Eu não sei o que... Só me lembro dessa história de ter que nadar alguns metros, que as meninas do interior se atiravam dentro d'água para poder fazer o curso, quase morriam afogadas, mas passavam. Eu não sei como é que elas passavam, porque elas não sabiam nadar e a piscina lá do Gaúcho era muito funda, ela não tinha uma parte rasiinha. Mas nós de Porto Alegre, todo mundo sabia nadar. Eram tudo meninas de clubes. Todo mundo sabia nadar, ninguém era nadadora, mas todo mundo sabia nadar.

K.D. - E tu te recordas o perfil sócio-econômico desses teus colegas de curso?

M.W. - Eram praticamente todos eles de classe média alta.

K.D. - Mesmo o público que freqüentava os clubes?

M.W. - É, traço bem alto. Não era gente que tinha estudado em bons colégios, a gente via que não eram gente que não soubesse alguma coisa.

K.D. - A formação de vocês levava a discutir o ensino mesmo? Ou ela puxava mais para a questão de vocês aprenderem os esportes?

M.W. - É, mais, mais. Não tinha nada de discutir assuntos, nada disso. Sobre esporte não, nada. Era ali aquela aula, para aprender aquilo e nunca se fez um movimento para isso ou para aquilo, nada disso. Era uma coisa muito, como é que se diz, comportada. Não havia

¹⁶ Nome sujeito a confirmação

[palavra inaudível] de querer modificar alguma coisa em Porto Alegre, não havia nada disso, eu não me lembro. Ao menos eu não participei de nada disso.

K.D. - E as modalidades que vocês tinham aula na ESEF, eram as mesmas modalidades que vocês praticavam nos clubes?

M.W. - Sim, nada de novo! Tudo eram esportes que estavam sendo praticados no União¹⁷, na Sogipa e, tinha na ACM¹⁸, tinha. Tinha a ACM também.

K.D. - E no caso, o curso de técnica esportiva era mais voltado para clubes?

M.W. - É para clubes!

K.D. - Mas vocês abordavam métodos de ensino, coisas assim?

M.W. - Não, nada disso!

K.D. - Miriam, e a relação professor-aluno, como era?

M.W. - Era de muito respeito e medo! Principalmente medo! “Ai, não vou fazer isso errado, aquilo errado, que a professora tal está olhando e tal”. Os alunos... Os professores até certo ponto eram camaradas, mas não havia muito entrosamento, acho que não havia muito.

K.D. - A Escola parecia ser bastante rígida com a questão cívica, de bandeira, uniforme?

M.W. - Ah, isso eu não me recordo.

K.D.- Vocês cantavam o hino?

M.W. - Cantávamos, cantávamos o hino, sim!

¹⁷ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União

K.D. - E vocês tinham uniforme também?

M.W. - Tinha uniforme. Tinha que ser com uniforme sempre!

K.D. - Tu me contaste antes uma situação que tu passaste por ter o distintivo da Escola no uniforme.

M.W. - Ah, tá! Eu uma... Naquele tempo a gente freqüentava muito a Rua da Praia¹⁹ e todo mundo de uniforme, sempre saía do colégio, saía da ESEF, e eu estava com um casaco da ESEF e um cadete chegou, me olhou e disse assim: “O que é isso aí?” Ele queria saber o que estava escrito no meu casaco. E eu disse: “Ó, é Escola Superior de Educação Física.” Aí ele disse assim: “Ah, não serve para mulher!” E me olhou com uma, como é que se diz... Brabo, ele ficou chocado com aquilo, não sei por quê. Mas foi uma coisa que me aconteceu e que eu nunca esqueci, porque era difícil alguém vir falar com a gente na Rua da Praia e ainda vir um cara me xingar. Aquela foi demais! Eu andava com orgulho com o meu casaco. Mas as pessoas não entendiam o que era aquilo: Escola Superior de Educação Física, que é isso? Era uma novidade, era uma novidade praticamente. Porque eu não sei, a Escola foi fundada seis anos antes? Quando é que foi fundada?

K.D. - Em 1940.

M.W. - 40, pois é! Sete anos antes, não é? Ela existia recém sete anos, então não era conhecida.

K.D. - Mas tu te recordas se outras mulheres passaram por esse mesmo tipo de constrangimento?

M.W. - Não, não me lembro de... Nenhuma me falou nada. Acho que nenhuma me falou nada.

¹⁸ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

¹⁹ Rua Localizada no, centro de Porto Alegre, que hoje se chama Rua dos Andradas

K.D. - Mas independente dessa visão da sociedade, na Escola vocês praticavam os movimentos?

M.W. - Tudo, tranqüilamente! Aquele tempo, eu não sei se já existia, mas eu não tinha abrigos. Eu acho que nós não tínhamos abrigo. Sabe que eu não me lembro. Eu não consigo me lembrar qual era, o que nós usávamos para o frio. Eu não me lembro se tinha abrigo é uma coisa que me escapou da memória. A gente usava uma calça comprida e um blusão eu acho. Deve ter sido isso, porque naquele tempo... Eu vou te contar uma boa, do clube, não na ESEF... Ah, talvez na ESEF tinham abrigos da ESEF, que eles nos davam se a gente ia apresentar alguma coisa, porque na Sogipa era assim: havia [palavra inaudível] no sábado e domingo, eles recolhiam os abrigos e terça-feira nós jogávamos de noite vôlei, e eles nos davam aqueles abrigos, viu? Para nós usarmos, escrito a sigla do clube. A gente não tinha, não ganhava nem um abrigo, nem um tênis, não se ganhava nada, entende? Era a camiseta da Sogipa, que a gente ganhava, mas tinha que devolver depois do jogo, mesmo suada. Eles lavavam, depois davam para a turma do atletismo e depois devolviam para a turma do vôlei. Era assim, não é? E ainda assim, não era nada particular, era... E agora, abrigo para tudo, de tudo que é jeito, todo mundo usa, é uma maravilha! Mas naquele tempo não. A gente ficava horrível, era muito grande, era muito pequeno, era cheiro ruim, porque ficava não sei onde guardados. Era esquisito!

K.D. - Miriam, tu te recordas de algumas situações vivenciadas na Escola que foram engraçadas ou marcantes durante esse período que tu esteve na Escola?

M.W. - Eu não me recordo de nada. A memória da gente também está um pouquinho... Eu só sei dizer que nós não tínhamos sede, era tudo emprestado. Quando a gente... Ali no Cruzeiro eles deixavam a gente usar, porque eu não sei... O clube já estava meio quebrado, porque que a gente ia lá... A gente até que nem gostava muito porque era do lado do cemitério. Era uma coisa que o pessoal fazia brincadeiras de mau gosto por causa do cemitério, que é uma coisa que...

K.D. - Quem fazia brincadeiras?

M.W. - Os alunos! Sabe como é que é... De rapaziada com as gurias: “Ah, cuidado que vem um fantasma!” Aquelas histórias. Hoje em dia nem se fala. Eu não me lembro mais, eu garanto que se tu saís daqui, eu me lembro de alguma coisa.

K.D. - E por fim, como é que tu avalia esse período, essa tua passagem?

M.W. - Ah, eu gostei! Eu sempre falo para as pessoas, foi a melhor época da minha vida, porque eu praticava esporte e estava aprendendo, recebendo um título e fazendo uma coisa que eu gostava de fazer. Tinha por exemplo a aula de... Houve um período esquisito. Eu tinha uma professora massagista que me conhecia, porque eu quando tive quinze anos, eu quebrei a perna e ela me recuperou a perna, ela foi a minha massagista. Depois nós nos encontramos na Escola quando eu tinha dezessete, dezoito anos... Dezoito anos eu tinha. E eu quebrei a perna com quinze. Ela disse: “Ai!” Ela falava, ela era uma judia alemã e ela assim: “Ah Miriam, tu nem está fazendo educação física”. E eu disse: “Tá!” Então nós brincávamos muito na aula de massagem, porque ela não conseguia segurar a turma, entendeu? Porque era assim: a gente se deitava na mesa e uma fazia massagem na outra. Nós só fazíamos brincadeiras. Ninguém respeitava, era a dona. Trude Simon²⁰. Pode botar aí que ela é conhecida! Ela faleceu há pouco tempo... E eu também fazendo... Ela me adorava, ela gostava muito de mim. Quando ela recuperou a minha perna, quando tirei a perna do gesso para ver, aí ela disse assim: “Mas que perna perfeita!” Eu não sei se ela quis dizer que ela era bonita a perna, ou a recuperação foi perfeita. Isso é um mistério que até hoje eu não [riso], eu não descobri ainda... Ela disse, naquela esculhambação na aula dela, ela me olhou nos olhos: “Mas até tu Miriam!” Porque ela carregava no “erre”. Aí nós caíamos na risada. Mas eu... Até agora eu me arrependo que eu brinquei na aula dela, fui brincalhona... Ela tinha me recuperado bem a perna, e eu tinha... Foi no colégio que eu caí e ela me recuperou muito bem. Ela falava assim com... Ela era uma judia alemã, ela carregava muito no “erre”. Ela foi então, quer dizer, eles naquela... Na Escola de educação física, eles pegaram somente pessoas especiais para serem professores, entendeu? Ela era muito considerada pelos médicos de Porto Alegre, então convidaram ela para ser a professora de massagem. Ela sabia toda anatomia, tudo certinho. E nem essa me deu nota boa também! Eu tinha impressão que tudo que era nota que davam, eles era ruins, as pessoas ficavam chateadas com as notas baixas. Eram muito exigentes, muito! A avaliação

deles era assim para quebrar. Tudo Bem! Mas eu me diverti muito lá. Eu estava sempre feliz. Eu levantava de madrugada feliz da vida que eu ia para lá. Porto Alegre tu sabe como é que é, uma cerração braba de manhã cedo. Eu não enxergava nada na minha frente, saía de manhã para ir pegar o ônibus que ia para lá... Eu morava na Rua Garibaldi²¹, atravessava toda aquela faixa até lá embaixo na Escola, ali onde era o Parobé, por ali que passava o ônibus. Eu tinha que caminhar um bom trecho a pé, para depois pegar o ônibus, para ir lá para fora para o Cruzeiro. Era muito, muito duro, mas era sempre feito com alegria, porque era uma coisa gratificante. Coisa bem boa, movimentar o corpo!

K.D. - Miriam, eu só tenho a te agradecer pelo teu depoimento.

M.W. - Está bom, obrigada! Eu é que agradeço, ouvir bobagens [riso].

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁰ Nome sujeito a confirmação

²¹ Rua localizada no Bairro Floresta